

## **Cine Tropical e a viagem pelo cinema**

### **Diretamente de São Luís do Maranhão a dupla Criolina**

*Por Sheila Gorski<sup>1</sup>*

Após ouvir o CD *Cine Tropical* da dupla maranhense *Criolina*, diversos filmes nacionais e internacionais vêm à mente, como consequência de um vasto conteúdo imaginário criado pelo cinema. Pois essa é a proposta. As músicas, como já promete a dupla Alê Muniz e Luciana Simões, se servem de imagens e fatos da história cinematográfica.

São 14 faixas e cada uma dedicada a um gênero diferente, como bang bang, romance, chanchada e aventura. Lembram Barbarella, John Wayne, Mazzaropi, Glauber Rocha e, pode-se dizer, com uma pitada de exagero e brega, torna cada refrão divertido e animado.

A dupla maranhense é a junção de cantores com diferentes ritmos, é um passeio entre décadas, estéticas e movimentos. Alê Muniz tem no sangue a música popular maranhense e experiências vividas nos 15 anos dedicados a música. Recebeu quatro vezes o prêmio de melhor compositor do Maranhão, já abriu show de Gal Costa, Luís Melodia, Alceu Valença, Gilberto Gil e fez parceria das mais diversas.

Luciana Simões já foi vocalista do Natiruts, fundadora da banda Mystical Roots, por isso está ligada ao reggae. Ligação, porém, que não a afastou da busca musical com tambores de crioula, salsas e carimbós.

Essa junção deu certo já no primeiro trabalho: *Criolina* de 2006, com participação de Zeca Baleiro na última faixa. O segundo álbum do *Criolina*, *Cine Tropical*, recebeu alguns elogios da crítica, e com razão. A levada da música maranhense, com uma proposta um tanto pretensiosa, é um verdadeiro passeio imagético e sonoro. Não existe um nome para o gênero proposto, é eletrônico, é maranhense, tem rock e funk, com bolero, merengue e tambor de crioula.

---

<sup>1</sup> Jornalista, mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná.

No encarte, uma descrição imagética de cada música vem antes das letras. A primeira faixa, O Santo, remete à religiosidade com um toque de forró e reggae, seria um camelô contando sobre seu dia a dia.

*Para curar tristeza*

*Reggae de salão*

*Peguei ônibus lotado pra encarar solidão*

*Pra curar fraqueza*

*Arroz com feijão*

Os primeiros versos da música revivem a dureza, tristeza e fraqueza curadas pela religiosidade e fé do sábio camelô. Seria uma ideia proposta em alguns filmes teatrais, como O Alto da Compadecida e O Santo e a Porca, que revelam no simplório cidadão alguém de fé e sabedoria. E a partir disso, levar a vida como dá e achando jeito para tudo.

A segunda faixa, Eu Vi Maré Encher, tem uma batida presente nos filmes do Cinema Novo. Fala as lembranças de um homem e de seu amor que ficou no passado. Inclusive algumas pistas para o universo cantado estão nos versos da canção, é possível perceber o rapaz relembrando do tempo, “*nos cabelos da Baby Consuelo, no reflexo do espelho, nas fichas de orelhão, no ronco do motor do Maverick*”.

A terceira faixa, Vacinado, é um ótimo e embalado conto sobre uma situação que vários brasileiros vivem: a saga para entrar em um estádio de futebol em final de campeonato. Contando em clima de filme de ação, com uma levada de funk, consegue estabelecer a gingada de um drible e o balanço das redes.

São Luís-Havana, quarta faixa, tem todo o balanço da música cubana e documenta semelhanças entre São Luís e Havana. Com uma letra totalmente sonora, misturando português e espanhol, consegue apresentar suingue.

*Nos bailes bois e batuques, no soco dos atabaques*

*Nos bongôs salsas e rumbas*

*Nos merengues e nos zabumbas*

Os agudos da música espanhola entram na melodia do reggae de maneira divertida em A Revanche. Em clima de bang bang a música é sobre um casal de saqueadores do Novo México. Junto com São Luís-Havana, essa quinta faixa retrata um imaginário

latino-americano embalado por uma música característica, uma aventura tropical, que se passa em outros países, sem perder o bailado brasileiro.

Dando o nome ao álbum, Cine Tropical, em um embalo meio bolero, a faixa versa sobre um casal que sonha viver um romance de filme. A ideia é que a paisagem fosse relativa a uma praia equatorial em um fim de tarde.

*Quem dera*

*Se fosse sempre primavera amor*

*Quem dera*

*Se fosse sempre réveillon*

*De branco o ano inteiro*

*Chapéu panamá*

*Champagne do bom*

Outros romances aparecem em Namoradinho Refém, Meu Louquinho e Amor Chanson. O primeiro meio rock, lembrando um pouco de Barão Vermelho, fala de uma garota papo firme. Meu Louquinho tem todo o ritmo da Jovem Guarda, com direito a backing vocal característico. E, para ser uma legítima música de amor, Amor Chanson, cantada em dupla, evolui de maneira lenta as poucas estrofes que versam sobre um casal de músicos.

A décima faixa, Banana Prata, tenta fazer um jogo com o universo infantil e suas brincadeiras criativas, com versos rimados às vezes sem conexão, trabalha ludicamente a forma. Outra brincadeira é de Barbarella de Cururupu, onde uma garota filha de índios intergalácticos canta sílabas sem sentido. A batida é da capoeira com música eletrônica, tentando uma ficção científica tupiniquim.

Nós Capota é interessante pela tentativa de narrar em chanchada, e com uma variante linguística coloquial do português, a vida de dois nordestinos que vão para São Paulo.

*Nós é pobrema*

*Nós é da pá virada*

*Nós é carne de peçoço*

*Nós dá nó ni pingo d'água*

Passa a imagem de gente que busca sucesso, que encara de cabeça erguida os obstáculos da vida e, em partes, riem das incertezas e desventuras da própria sorte.

Uma das maiores tradições do Maranhão é narrado nos primeiros versos de O Pregoeiro. O homem passa de casa em casa vendendo camarão por São Luís cantando “*Camareô, Camareá, é o canto do pregoeiro que vem de longe com tabuleiro fazendo toda cidade acordar*”. Meio lambada, salsa, ritmando os versos, de maneira alegre, consegue proporcionar a conversa entre o grito do pregoeiro e das pessoas que desejam comprar o camarão. O sol e o calor que o vendedor passa consegue ser imaginado e acompanhado durante a música.

A maioria das faixas são compostas por versos simples, repetidos, porém muito vivos. São quentes, tropicais, totalmente sinestésicos. Fazem lembrar as poesias de cordéis, revelam um sentimento próprio de compositores do nordeste, podendo citar a extinta banda Cordel do Fogo Encantado até Chico Science, mas com uma pitada totalmente de Criolina, com músicas extremamente pensadas e bem elaboradas.

O álbum contou com participação especial do poeta Celso Borges, que compôs com Alê e Luciana a faixa caribenha São Luis-Havana. O saxofonista Célio Muniz, pai de Alê, participa da faixa Cine Tropical.

Esperam-se outros trabalhos dessa qualidade da dupla Criolina, que já foi indicada à 20ª edição do Prêmio da Música Brasileira com Cine Tropical como melhor álbum – concorrendo com Cabaret do Rossi e Roupa Nova 30 Anos ao Vivo - e melhor dupla contra Victor & Léo e Zezé Di Camargo & Luciano.

Cine Tropical, **Criolina**. Maranhão, 2010. Selo Independente.

Site da dupla: <http://www.criolina.com.br/>